

AS PERVERSÕES QUE HOJE CHEGAM À CLÍNICA



In: Práticas clínicas para a Psicanálise hoje. / Organização da Sociedade Psicanalítica Online
Bom Despacho: Literatura em cena, 135-164, 2026

Paulo Roberto Ceccarelli

*Use every man after his desert, and who should scape whipping?*¹
Shakespeare, Hamlet

Meu interesse pelo estudo das perversões² iniciou-se quando fazia doutorado na Universidade Paris VII. Ele traduz uma inquietação que foi tomando contornos mais precisos ao longo de minha prática clínica, de pesquisas teóricas seguidas de publicações, e dos inúmeros cursos que tenho coordenado sobre o tema (Ceccarelli, 2004; 2005; 2009; 2010; 2011; 2015; 2020; 2026).

Breve introdução ao tema

No início da era cristã, certas manifestações da sexualidade, consideradas desviantes, perversas, ou por não corresponderem ao projeto divino, estavam sujeitas ao crivo da Igreja.

¹ “*Trate cada homem segundo seu merecimento, e quem escaparia ao chicote?*” Shakespeare, Hamlet, cena II.

² A palavra *perversão*, do latim *pervertere*, significa virar do avesso, transformar, perturbar, tomar o caminho errado. De forma jocosa poderíamos dizer que “fulano chegou tarde porque se perverteu no caminho”. Ou seja, a ideia é de um desvio de rota.

Durante séculos, só o ato sexual que visasse à procriação era legítimo, e o prazer, especialmente para as mulheres, era visto como pecado, além de ser desnecessário. Por séculos o código canônico determinava que um casamento poderia ser anulado, caso o casal não gerasse prole. Ainda ouvimos mulheres, sobretudo de gerações mais antigas, dizerem nunca terem tido prazer com o marido no ato sexual, pois ter prazer é coisa de prostituta, não de esposa. Quanto aos homens, o discurso machista era soberano, pois era-lhes quase impossível ejacular sem prazer.

Santo Agostinho entendia que o ato sexual deveria ocorrer sem prazer, caso contrário, seria uma forma de perversão. Ou seja, a castidade – a reprodução sem prazer - deveria estar presente no casamento (Ranke-Heinemann, 2019).

No manual da Inquisição — o *Malleus Maleficarum*, Martelo das Feiticeiras —, cerca de 90% das condenadas à fogueira eram mulheres.

Na cultura ocidental, profundamente marcada pelo imaginário judaico-cristão, a inquietação com a sexualidade é antiga, tendo sido formalmente definida no Concílio de Latrão, em 1212, quando se regulamentou a prática da confissão e da penitência. Ali demarcou-se a diferença entre a prática sexual “normal”, voltada à procriação, e outra, “oculta”, que deveria ser confessada.

No século XIX, a medicina legal trouxe cientificidade ao estudo das perversões, ao centrar o debate entre uma “sexualidade anormal” e um “defeito moral”, cujas origens se baseavam

em indivíduos “vistos por ocasião das perícias médico-legais, e cujas condutas constituem delitos ou crimes” (Lanteri-Laura, 1994[1979], p. 140). Com o subsequente avanço da medicina e da psiquiatria, emerge outra forma de moralidade, na qual a ideia de pecado perde terreno: as práticas ditas desviantes deixaram de ser vistas como uma falta moral, posto que a pessoa não é má, mas, sim, doente e precisa ser tratada. Observa-se uma mudança discursiva: o que antes era pecado agora é doença; o que era “maldade” agora é “patologia”. Ainda hoje, muito dessa lógica permanece.

Em seu famoso *Psicopatia do sexo*, o renomado sexólogo Krafft-Ebing (1879), amplamente citado por Freud e, sem dúvida, uma das maiores autoridades no estudo dos caminhos do sexual no século XIX, escreveu: “A perenidade da raça humana é garantida por um poderoso impulso natural (*Naturtrieb*) que exige imperiosamente ser satisfeito” (Von Krafft-Ebing, 1990[1895], p. 5).

Krafft-Ebing toma como norma a preservação da espécie que, por sua vez, seria tributária de um impulso (instinto) natural (*Naturtrieb*). As manifestações sexuais que escapavam à reprodução deram origem a uma variedade de desvios e classificações (nomenclaturas) que ainda hoje **são** amplamente utilizadas: perversão (1882, Charcot e Magna), narcisismo (Havellock-Ellis, 1888), autoerotismo (Havellock-Ellis, 1899), sadismo e masoquismo (Krafft-Ebing, 1890), dentre outros. Freud ao utilizar essas nomenclaturas, deu-lhes uma releitura psicana-

lítica.

É nesse sentido que, para Foucault (1985), as perversões foram «criadas» pelos sexólogos e psiquiatras. Evidentemente, as atividades sexuais que não correspondiam as normas instituídas sempre existiram, e eram consideradas pecado, pouca vergonha, atentado ao pudor, sodomia e outras tantas designações tributárias do discurso hegemônico de poder, em estreita ressonância como o momento sócio-histórico. As novas nomenclaturas definiram tipos de indivíduos marcados por uma subjetividade, cujo elemento distintivo passou a ser a sexualidade: o ato sexual deixou de ser um comportamento e passou a definir a pessoa.

Foucault (1985) acrescenta ainda que a psicanálise corre o risco de tornar-se uma “tecnologia de correção” - ou seja, um dispositivo de normatização da economia pulsional.

Antes que as nomenclaturas ganhassem terreno, a palavra mais usada para qualquer forma de desvio era *sodomia*, derivada da narrativa bíblica de Sodoma e Gomorra. O termo abrangia desde o sexo anal até a exposição pública, passando por aquilo que hoje é chamado de exibicionismo, voyeurismo e outras práticas. As perversões, sejam elas chamadas de pecado, indecência, sodomia, libertinagem, nunca deixaram de fazer parte da experiência humana.

Na atualidade, as elaborações psicanalíticas sobre a perversão ainda estão contaminadas por concepções pré-psicanalíticas e pela psiquiatria atual, como bem o atestam o DSM e o CID.

Para Robert Barande (1980, p. 170), “a teoria e prática das perversões relevam da clínica psiquiátrica, da medicina legal ou, enfim, de um discurso moralizador, mas não à psicanálise tal como apresentada por Freud”. Além disso, continua o autor, a figura do perverso é incompatível com a psicanálise freudiana, pois “não existe nenhum lugar de discurso donde o psicanalista possa falar sobre a ‘perversão’ sem que se negue enquanto psicanalista” (Barande, 1980, p. 160). André Green (1986) corrobora esta ideia quando diz que teoria das perversões, herdada da psiquiatria e da medicina legal, é um discurso normalizador, e não propriamente psicanalítico.

Para Frota Neto, a “maior contribuição de Freud quanto à perversão foi subvertê-la, equivocando o campo semântico do termo o suficiente para que se tornasse tão difícil quanto inútil a delimitação de uma estrutura diagnóstica especificamente perversa” (2004, p. 21).

Tais posições sugerem que as teorizações e clínica das perversões, contrariamente as das neuroses e das psicoses, transformaram-se em um “ponto cego” da psicanálise, sobre a qual não há consenso.

O misto de horror e fascínio que as perversões despertam, diferentemente das neuroses, talvez se deva ao fato de responderem a dois movimentos distintos que afetam regiões psíquicas diferentes e que, na maioria das vezes, são tratados como se fossem da mesma ordem: o recalque (*Verdrängung*) e

a repressão (*Unterdrückung*) da sexualidade³. Mais adiante voltaremos a esse ponto.

As perversões expõem a nossa parte obscura que, na maioria das vezes, preferimos ignorar, por constituírem uma afronta direta a nossa onipotência narcísica (Roudinesco, 2007; Stoller, 2018). Porém, a “perversão nossa de cada dia” se faz sempre presente lá onde menos se esperava. Por exemplo, quando vemos, sobretudo na mídia, algo que nos choca profundamente, mas não conseguimos desviar o olhar (Ceccarelli, 2015).

Ainda que muitos psicanalistas tenham lido exaustivamente o texto freudiano, continuam a rotular certas manifestações da sexualidade de “perversas”, sem levar a sério o que Freud escreve sobre os destinos da sexualidade humana (Tort, 2000). A permanência do olhar moralizante mostra o quanto é difícil afastar-se do discurso normativo, pois é muito mais fácil dizer que o sujeito “não é normal”, do que escutar a particularidade da dinâmica pulsional que o sustenta.

³ O texto freudiano sugere uma distinção tópica entre o recalque e a repressão: o recalque operaria entre os sistemas Pcs/Ics, e a repressão, espécie de segunda censura, entre o Cs/Pcs, sendo as motivações morais as principais responsáveis pela repressão. Em uma nota na *Interpretação dos Sonhos*, Freud esclarece: “Omiti declarar se atribuo significados diferentes às expressões “reprimido” (*unterdrückt*) e “recalcado” (*verdrängt*). Deveria ser claro, contudo, que o último dá mais ênfase que o primeiro ao fato de sua ligação com o inconsciente” (Freud, 1900, 645, nota 1).

Freud e a perversão

Freud, de início, utiliza-se da visão da sexualidade segundo a psiquiatria, seguindo a posição clássica quanto à norma, ligadas a entidades nosográficas baseadas na crueldade e no desvio da genitalidade. Partindo dos fenômenos costumeiros, Freud entendia a sexualidade humana na vertente religiosa, carregada do julgamento médico e jurídico.

Não houve de imediato um interesse pelo estudo das perversões. Elas eram tratadas como expressões de uma bestialidade original do ser humano (Valas, 1990). Na correspondência entre Freud e Fliess lemos: “as perversões conduzem regularmente à zoofilia e têm uma característica animalesca” (Correspondência Freud/Fliess, p. 224. Carta de 11 de janeiro de 1897).

Contudo, esse cenário mudou radicalmente com a introdução do inconsciente, que trouxe uma nova compreensão entre saúde e doença que, basicamente, dividia os homens em dois grupos.

A *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900) revela a perversão dos “normais”, os crimes dos neuróticos, os fracassos dos bens sucedidos, além dos desejos humanos inconfessáveis. Freud dizia que sonhamos, ainda que de forma disfarçada para escapar à censura, aos crimes que gostaríamos de cometer; e que o sentimento de culpa é o preço pago por vivermos em cultura. Mostrou, ainda, que a sexualidade angelical é constituída

de pulsões anárquicas, cujo objeto é completamente indiferente, desde que a satisfação seja alcançada: “nada protegerá a virtude tão eficazmente quanto uma doença” (Freud, 1908, p. 83). Ou seja, o preço da virtude é a repressão, e o recalque, de moções pulsionais.

As posições freudianas, que causaram um enorme escândalo na época, continuam causando efeito semelhantes na atualidade. Se certas passagens dos *Três ensaios* fossem colocadas na internet, sem que se precisasse o autor, certamente um movimento de “caça ao pedófilo” que escreveu tais descalabros seria lançado. Segundo Ernest Jones (1961), a publicação em 1905, dos *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, fez de Freud uma figura quase universalmente impopular. Ele foi acusado de pervertido, imoral, obsceno, pansexual, recebendo insultos e injúrias, chegando mesmo a não ser cumprimentado na rua. Freud era visto quase como um “feiticeiro”, pois, além de tratar por meio da fala, ousava tocar em temas proibidos. Talvez, o sucesso de Freud e os resultados obtidos se deveu, justamente, por falar de “coisas” que ninguém ousava abordar, tais como a sexualidade, a ambivalência constitutiva do sujeito humano, e o primitivo em nós que se faz presente, particularmente, na guerra (Freud, 1915b).

Com a ideia escandalosa segundo a qual só existem normas morais⁴, Freud sustenta que “todos os psiconeuróticos são

⁴ “A moral sexual, como é definida pela sociedade, na sua forma mais extrema, a dos Estados Unidos, parece-me muito desprezível. Defendo uma vida

pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalçadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento” (Freud, 1905).

De posse de um grande arsenal teórico e de farto material clínico, Freud (1905) inicia os *Três Ensaio*s mostrando à moral, à religião, à biologia (aos sexólogos), e à opinião popular, que elas se enganam em relação a uma suposta “natureza” da sexualidade humana.

Acreditar que a sexualidade derive de um instinto natural (*Naturtrieb*) que estaria ausente na infância, só se manifestando na puberdade por uma atração natural de um sexo pelo outro visando a reprodução é uma “fábula poética” (Freud, 1905, p. 136). Tal interpretação traduz “um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições fundamentais da vida sexual” (Freud, 1905, p. 177).

Enquanto nos animais a sexualidade é biologicamente programada e orientada à procriação, no animal humano ela é voltada para o prazer (Freud, 1905). Esboça-se aqui um elemento fundamental para a compreensão da dinâmica psíquica das perversões: no ser humano, a sexualidade é uma perversão do instinto; ao não responder a fatores pré-determinados, a pulsão (*Trieb*)⁵ sexual é por definição perversa.

sexual incomparavelmente mais livre” (Freud, 1915/1982, 360. Carta a Putnam).

⁵ Em alemão, a palavra usada por Freud é *Trieb*, que significa impulso, ten-

A leitura da obra freudiana sugere que ele nunca tratou a perversão como uma anomalia moral ou uma degeneração patológica: trata-se de uma forma de organização pulsional, tão legítima quanto qualquer outra. Não existe, em Freud, uma teoria das perversões, e muito menos um “manual” de como escutar e encaminhar o tratamento dessa dinâmica pulsional.

Para Freud, as perversões são “as forças motivadoras dos sintomas neuróticos”, e a análise da disposição artística revela uma “mistura em todas as proporções, de eficiência, perversão e neurose” (Freud, 1905, p. 246).

Enfim, toda organização neurótico/normal, o que inclui a perversão e a normopatía, é composta de traços de energia psíquicas variadas da sexualidade polimorficamente perversa da infância (Ferraz, 2000; 2002).

Três passagens dos escritos freudianos são, geralmente, citadas quando o tema é a perversão:

1 - A primeira está nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nesse texto, um dos mais importantes de Freud (1905), a perversão marca um contraponto com a neurose, mas, mantêm-se unidas: neurose/negativo, perversão/positivo: *a neurose é o negativo da perversão*. Se ouvirmos com o rigor a formulação freudiana, percebemos que o positivo, isto é, como as coisas deveriam ser, é a perversão. Devido ao recalque de

dência. No Brasil o termo foi inicialmente traduzido por Instinto e, mais tarde, Lacan propõe o termo pulsão. O *Trieb* freudiano não é natural nem fixo: é uma força constante, que busca satisfação, mas cujo objeto é o mais variável possível.

moções pulsionais inadmissíveis para a manutenção da cultura (Freud, 1913), e a repressão devido a motivos morais (Freud, 1908), temos a neurose, produto tanto do recalcado, quanto do reprimido. Neurose e perversão compartilham a mesma base pulsional, embora organizando-se de modos diferentes. A ideia escandalosa — segundo a qual todos os neuróticos têm inclinações perversas fortemente recalçadas — causou indignação na sociedade vienense.

2 - Em *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo das perversões sexuais* (Freud, 1919), e no texto de Anna Freud, *Fantasia de surra e devaneios* (Freud, 1923), a perversão é teorizada a partir da dinâmica do complexo edipiano.

3 - E, finalmente, no texto *Fetichismo* (Freud, 1927), considerado por muitos como a única teorização válida sobre a perversão, a recusa (*Verleugnung*) da castração é apresentada como o mecanismo central na criação do objeto fetiche. Curiosamente, o termo *perversão* não é sequer citado no texto freudiano.

O que se depreende de tudo isso, é que todos temos moções pulsionais perversas, pois todos temos desejos infantis que precisaram ser recalçados para vivermos em sociedade, e reprimidos devido as exigências morais que cada grupamento humano impõe.

Resumidamente, podemos dizer, então, que Freud entende as perversões como:

- *Uma fixação em um estágio da polimorfia do sexual*

infantil, que foi particularmente gratificante ou frustrante.

- *Uma regressão ao ponto de fixação da pulsão, que ocorreu em uma relação pré-objetal, marcada pelo narcisismo.*
- *Enquanto a criança perversa polimorfa segue seu desenvolvimento pulsional, no adulto a perversão é marcada pela repetição e monotonia do cenário perverso, que nos informa tanto da fixação pulsional, quanto da atemporalidade do inconsciente (Ferraz, 2023).*

Para Freud, enfim:

as perversões, portanto, não devem ser referidas simplesmente à fixação das inclinações infantis, mas também à regressão às mesmas devido à obstrução de outros canais da corrente sexual. Por isso *as perversões são também acessíveis à terapia psicanalítica* (o grifo é nosso) (Freud (1905, 161).

A perversão segundo alguns autores pós-freudianos

Em agosto de 2004, foi realizado em Belo Horizonte o *XIII Fórum Internacional de Psicanálise*, que teve por tema *As Múltiplas Faces da Perversão*. O evento contou com linhas psicanalíticas de vários países representadas pela brasileira, americana, inglesa, francesa, italiana, argentina e outras tantas.

Um dos pontos que marcou o congresso foram as divergências teórico-clínicas discutidas. Um exemplo: enquanto algumas correntes lacanianas, sustentadas pela denegação

(*Verleugnung*), afirmavam que os perversos não eram analisáveis, as freudianas e winnicottianas, diziam que era possível analisar um perverso, desde que se suporte a escuta e a transferência. Ou seja, a questão não é apenas de diagnóstico, mas do manejo da transferência, apontado por Freud como sendo a principal dificuldade clínica (1915/1914).

Para Winnicott (1951), o objeto transicional (o cobertor que representa a mãe para o bebê, não é, de fato, mãe) é tido como perversão. Para o autor, existiria um estágio no desenvolvimento do ser, onde o prazer de um sujeito, custa o prazer do outro.

Para Melanie Klein (1940), antes da posição depressiva, o bebê passa pelo estágio chamado de “posição perversa”: ao mamar, o bebê procura satisfazer sua necessidade de alimento, bem como sua necessidade libidinal. Após, o bebê mama até que o seio seja exaurido. O amor libidinal, que pode destruir o seio, tem a característica da perversão: o outro é utilizado como mero instrumento para se obter o desejado.

Na teoria lacaniana, a posição do sujeito frente à castração determina a estrutura do diagnóstico⁶. A perversão é marcada pela recusa, negação ou desmentido (*Verleugnung*) da representação simbólica da castração (Lacan, 1988). Ao negar a castração, a diferença, não se leva em conta o outro como sujeito

⁶ Para Van Haute, falar em estrutura daria à psicanálise uma leitura normativa, que nada teria a ver com as posições freudianas (Conf. Van Haute, 2017).

e, por extensão, seu desejo⁷.

Stoller foi, sem dúvida, o primeiro grande analista a tratar o tema da perversão, e das transexualidades, fora da moral sexual existente, mas, sobretudo, fora da “moral” no interior da própria psicanálise. Para Stoller, a hostilidade em relação ao objeto é a característica central do ato perverso. A palavra *perversão* é um alibi para sujeitos “normais” projetarem sobre os outros suas próprias tendências perversas, transformando-os em bodes expiatórios. Stoller (1985) vai mais além ainda, ao dizer que a moral sexual social só é mantida graças à necessidade social da perversão, que enquadra sujeitos desviantes.

A fim de preservar o prazer erótico, a perversão se revela um arranjo pulsional defensivo sustentado por uma fantasia (Stoller, 2018). A cena perversa vai além da recusa da castração, e age no sentido da manutenção da identidade sexual ameaçada, pautada na necessidade de fazer mal (Stoller, 1984). O ato perverso, enfim, é uma forma erótica do ódio, com o desejo de ferir ou danificar o outro: nada mais é que uma fantasia atuada. Uma fantasia de vingança, cuja função é a de transformar um trauma infantil em um triunfo momentâneo no adulto: um triunfo sobre a castração (Conçalves; Ceccarelli, 2020).

Para McDougall (1972), o perverso monta cuidadosamente um teatro, em forma de ritual, com um enredo,

⁷ As posições lacanianas colocam um problema de difícil solução: como entender a perversão na mulher se nela não existe castração? Contudo, vários autores têm escrito sobre a perversão na mulher.

ad infinitum, para negar a castração; uma intriga inconsciente que demonstraria, imaginariamente, o triunfo sobre a castração. Sendo a castração, contudo, um fantasma sempre à espreita do perverso, ela é o mote de toda a criação perversa, o que explica seu caráter compulsivo de busca sexual. Na tentativa de negar a diferença, enfim, a castração, o perverso se engaja em uma luta constante e repetitiva para se proteger da angústia daí advinda (McDougall, 1997).

Sendo *a angústia a mãe da invenção no teatro psíquico* (McDougall, 1983), o analista deve entender a neurose, a psicose, a perversão, as doenças psicossomáticas, assim como os sonhos e as obras de arte como criações para manter tanto o equilíbrio libidinal, quanto o sentimento de identidade; uma forma de sobrevivência psíquica. Dentro da particularidade de história de cada um, criamos um modo para sobrevivermos psiquicamente. Não se trata, em absoluto, de justificar o ato perverso. Mas, compreender o arranjo psíquico que o sustenta, sem julgá-lo, e muito menos patologizá-lo de antemão: esta é a tarefa do psicanalista.

Paul-Claude Recamier (2012) também fala de sobrevivência psíquica, ao entender a perversão como estratégia de defesa.

A recusa da castração, em suas diversas versões, é central nas teorias citadas, embora receba leituras diferentes segundo à especificidade clínico-teórica de cada autor: obter prazer ainda que isso custe o prazer do outro; usar o outro como

mero instrumento de prazer; negar a diferença sexual e/ou a alteridade; fazer qualquer coisa para preservar o erotismo e obter um triunfo momentâneo sobre a castração; manter *ad infinitum* um enredo no qual a castração seja negada, e tantas outras. No fundo, retoma-se a posição freudiana clássica, já citadas no segundo dos *Três Ensaio: Uma regressão ao ponto de fixação da pulsão, que ocorreu em uma relação pré-objetal, marcada pelo narcisismo*.

Os pontos elencados pelos autores e autoras citados/as revelam uma particularidade central na fantasia perversa:

o único aspecto de uma fantasia que poderia legitimamente ser descrita como perverso seria a tentativa de impor a imaginação erótica a um outro que não consentisse nisso ou que não fosse responsável (McDougall, 1987, p. 192).

Esta observação nos impõem uma reflexão que deve estar constantemente presente em nossa prática clínica, quando lidamos com sujeitos supostamente perversos: quando um arranjo pulsional, dentro de uma dada conjuntura cultural, deve ser entendido como uma versão atualizada da sexualidade perverso-polimorfa infantil em um contexto de relação de objeto, isto é, como um jogo erótico, e quando ela deve ser considerada sintomática e/ou perversa? Ou seja, uma relação na qual o outro e/ou seu desejo não são levados em conta?⁸

⁸ Para nomear as dinâmicas pulsionais inovadoras, e por vezes extravagantes, resultado dos arranjos libidinais presentes no teatro erótico, e que tentam proteger o sujeito contra a angústia esmagadora da castração, McDougall propõe o conceito de “neo-sexualidades”, para separar as dinâmicas

Não são as preliminares do ato sexual, que variam segundo os sujeitos, revivências da sexualidade polimorfa da infância em uma relação de objeto? A não ser quando uma pobreza fantasmática leve o sujeito a procurar outros expedientes tais como a pornografia ou a prostituição (Stoller, 1984).

Cabe aqui um esclarecimento sobre um aspecto da fixação e da regressão que pode gerar confusão: usa-se a palavra perversão tanto para perversão propriamente dita, ou seja, a que impõe a imaginação erótica a um outro sem seu consentimento sendo passível de sanções legais, quanto para certos jogos eróticos que existe, igualmente, uma fixação libidinal, mas, também, o consentimento do outro. Em outras palavras: tanto na pedofilia, na qual se impõe à criança algo que ela não consente, quanto em uma situação masoquista na qual a pessoa só obtém prazer sendo humilha por outro que consente em fazê-lo, houve uma fixação e regressão da libido. O que diferencia as duas posições libidinais são os desdobramentos da relação que se estabelece entre os participantes: no primeiro caso, temos uma relação narcísica; no segundo, de objeto.

A escuta do perverso

A diferentes maneiras de se escutar o perverso, e o manejo da transferência, trazem uma discussão de peso, acerca

pulsionais que são, de fato, perversas, e as que traduzem um jogo erótico (Conf.; McDougall, 1997, p. 188).

da analisabilidade do perverso. Parece que tudo depende do referencial teórico utilizado: cada modelo clínico propõe uma interpretação diferente marcando a escuta e, conseqüentemente, a direção do tratamento desta manifestação da sexualidade. Autores da Escola Inglesa e da Americana, relataram acompanhamentos clínicos de sujeitos perversos, cujos resultados foram satisfatórios. Já alguns psicanalistas da Escola Francesa, que entendem a perversão como uma estrutura, sustentam que o perverso resiste ao trabalho analítico. Logo, o perverso, contrariamente à afirmação freudiana, não seria analisável. Entretanto, quando o sujeito procura um profissional ele raramente conhece sua linha teórica, e muito menos como se dá a sua escuta clínica. Isto significa que o profissional pode acolhê-lo ou negar-lhe atendimento. Tais considerações têm desdobramentos éticos importantes (Ceccarelli, 2005).

Qual, seria, então, o estatuto da perversão na psicanálise? Uma dinâmica pulsional marcada pela fixação da libido em um ponto ao longo de seu caminho errático? A consequência de uma relação deficitária nas primeiras trocas significativas mãe/bebê? Uma estrutura marcada pela negação (*Verleugnung*) da castração? Uma forma erótica do ódio? Uma estratégia de sobrevivência psíquica? Uma defesa narcísica frente a uma perda insuportável?

A existência de inúmeras possibilidades de leituras do fenômeno perverso, sem que nenhuma reivindique possuir a Verdade, se deve ao fato de que o Real da perversão nunca pode

ser alcançado. Quando discutimos as diversas teorias da psicologia sobre o tema, o que inclui a psicanálise, baseamos nossas hipóteses na fala do cliente, balizadas por elementos transferências e contratransferências. Trabalhamos com teorias cuja realidade, tal como a realidade psíquica, é sempre uma construção, e toda construção é *um mito individual* (Lacan, 1953), orquestrado pelos *Romances familiares* (Freud, 1908/09). Nos baseamos apenas na leitura do fenômeno, mas não em sua essência (Ceccarelli, 2019). O que nos faz aprofundar, teórico e clinicamente, em uma ou várias leituras, são questões transferências: tal como na relação analítica, cada leitura do Real desperta em nós pontos de identificação particulares.

O fenômeno perverso sugere que quanto mais tentamos compreender as organizações psíquicas que subjazem a certas dinâmicas pulsionais, mais nos distanciamos de uma resposta satisfatória, e nos deparamos com os enigmas do desejo.

Se “o comportamento sexual de um ser humano frequentemente constitui o protótipo de suas demais reações ante a vida” (Freud, 1908, p. 86), a forma do sujeito perverso agir, por vezes interpretada como agressiva, desafiadora, desdenhosa, é o protótipo de suas reações em todas as esferas da existência, e não apenas na situação analítica. Muitos, tomando a atitude do perverso como uma afronta pessoal (narcísica), se recusam a recebê-los por entenderem que os ataques do perverso que, não raro, paralisam o analista, traduzem o seu desprezo em relação ao trabalho do analista.

Por mais chocado e/ou fascinado que o analista se sinta frente ao relato do perverso, manter a neutralidade de escuta é fundamental. Ao analista cabe, também, “evitar deixar-se picar pela curiosidade, por mais extraordinário ou inverossímil que possa parecer o que escuta” (Pommier, 1998, p. 448). Pommier (1998) sugere que o analista se atente para a posição do sujeito no discurso, que diz respeito ao sujeito em relação à pulsão: “é ela que o leva a agir anonimamente, sem saber quem é – contrariamente ao que se produz na neurose, onde o sujeito age sem saber o que faz” (Pommier, 1998, p. 472).

A dificuldade na clínica da perversão é estabelecer uma escuta que permita o encontro com o outro. Ou seja, uma escuta que propicia uma saída da relação narcísica para uma relação de objeto (Ceccarelli, 2011). Ouvir o perverso implica em não nos transformarmos em seu objeto de prazer, o que nos colocaria, ao mesmo tempo, como cúmplices em sua negação, ainda que momentânea, da castração.

A escuta do perverso exige que o profissional tenha o investimento necessário para seguir esses sujeitos em seus movimentos regressivos, ao longo da tortuosa e monótona trilha da sexualidade infantil, até os pontos de fixação da libido. Quando estamos lidando com dinâmicas libidinais, em particular nas perversões, não podemos nos esquecer que a matéria bruta de nosso trabalho são as fixações pré-genitais, que implicam relações narcísicas, em um período no qual as relações de objeto estão ainda se constituindo.

Se a sexualidade do adulto é uma construção complexa, edificada sobre as experiências infantis, a análise do perverso revela a criança desafiadora que habita o adulto, aquela que se recusa obstinadamente a abrir mão da satisfação pulsional (Ceccarelli, 2011).

Não reconhecer em nós mesmos os traços do perverso polimorfo que fomos, seria negar a condição necessária e fundamental para o exercício da psicanálise, cujos pressupostos repousam, essencialmente, sobre as vicissitudes e a perenidade da polimorfia da sexualidade infantil, sempre pronta a fazer irrupções em momentos imprevisíveis, o que inclui nossa atividade clínica.

Ademais, a maneira como o analista reage aos restos não analisáveis de sua própria sexualidade perverso-polimorfa, pode levá-lo a dar respostas perversas, devido ao poder que a transferência lhe confere (Ceccarelli, 2004).

Se mantivermos a ética da escuta, ouviremos um sujeito que, em sua tentativa para sobreviver psiquicamente, lança mão, não sem dor e angústia, da onipotência infantil própria do período pré-genital, e do arsenal defensivo adquirido na infância, para construir sua forma de sexualidade (Reis Santos; Ceccarelli, 2009).

Acredito que uma das dificuldades na escuta das dinâmicas pulsionais perversas se deva ao fato de elas estarem bem próximas dos conteúdos reprimidos do analista. Partindo da premissa segundo a qual as perversões seriam uma consequ-

ência da moral sexual cultural, sobretudo no que diz respeito à sexualidade infantil, acredito que *a perversão seria o retorno do reprimido, da mesma forma que a neurose é o retorno do recalado*. Apresento esta hipótese com base em um dos textos que Freud fala de maneira mais clara sobre os destinos da pulsão quando, devido a moral sexual, encontra na perversão a única saída. No texto *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (Freud, 1908), o termo empregado por Freud, em alemão, ao longo do texto para falar dos destinos pulsionais a partir do trabalho de cultura (*Kulturarbeit*), é repressão (*Unterdrückung*) e não recalque (*Verdrängung*). Isso significa que quanto mais repressora for a sociedade, mais seus membros recorrerão a soluções perversas para dar vazão as pulsões.

Conclusões provisórias

A chamada “revolução sexual dos anos 60”, no século XX, trouxe mudanças expressivas sobre as sexualidades e, por conseguinte, sobre as perversões. Se “a psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (Freud, 1921, p. 35), criou-se a expectativa de que livres das amarras morais, das imposições sociais, que foram repensadas graças aos movimentos feministas, e das imposições familiares que, por décadas, ditou a regras referentes ao prazer, as expressões do sexual seriam mais livres, assim como as relações com o/a parceira/o de suas escolhas, dentro das disposições sexuais e afetivas de cada um.

Porém... não foi o que aconteceu: a “revolução sexual” não trouxe a “felicidade” esperada.

A revolução sexual atingiu os elementos reprimidos da sexual, fruto da moral sexual, deixando intacto seus elementos recalcados. Se a liberação da sexualidade fez, sem dúvida, que a repressão sexual, e os ditames da moral fossem profundamente repensados, o recalcado não sofreu um “desrecalcamento” como, aliás, não poderia acontecer⁹, pois o recalque, a pedra angular da psicanálise, é o responsável pelo surgimento do estado de cultura (Freud, 1913).

Isso se torna claro nos consultórios: os sintomas ligados ao sexual, a curiosidade infantil em relação à diferença dos sexos, permanecem inalterados. As queixas de impotência, ejaculação precoce, frigidez, anorgasmia, vaginismo, as compulsões, as inibições, a ansiedade e outras tantas, ou seja, aquelas derivadas dos conflitos edípicos, continuam presentes em nossa cultura, levando-nos a concluir que não há tratamento político para o sexual.

A “liberdade sexual” que começou naquela época, e vem se expandindo desde então, coloca uma questão interessante: *As perversões que hoje chegam na clínica.*

Se nos atermos apenas à fenomenologia dos sintomas perversos que hoje nos chegam, diremos que, sem dúvida, houve mudanças entre as perversões de outrora e as de hoje.

⁹ Para uma discussão mais detalhada sobre o sexual e a sexualidade, ver: *Sexualidades e mudanças discursivas*. Conf.: Ceccarelli, 2025a.

Porém, posto que não há evolução psíquica, e a história do ser humano é um eterno recomeçar (Freud, 1915), apenas repetimos, em cópias diferentes, os conflitos pulsionais dos processos primários. Tais conflitos utilizam, como meio de expressão, das representações oferecidas pelos processos secundários.

No processo terapêutico, observa-se algo semelhante. Muitas vezes o sujeito relata que, após um trabalho analítico, os conflitos ligados a culpa, a modelos culturais, a religião, a expressões e vivências da sexualidade, e outros tantos, foram melhor entendidos e ressignificados.

Por outro lado, não se tem notícia que um sujeito, após uma psicoterapia, tenha ressignificado suas moções pulsionais incestuosas a ponto de sentir-se livre para ter relações sexuais incestuosas.

Por acreditarmos que recalque e repressão guardam relações com as duas dimensões da realidade em psicanálise, isto é, com os processos primários e os secundários, as perversões que nos chegam à clínica hoje testemunham os conflitos sexuais infantis presentes nos processos primários, embora se expressem através das representações dos processos secundários, segundo o que o momento sócio-histórico-econômico oferece (Ceccarelli, 2025b).

**A sexualidade se reorganiza, mas os conflitos
inconscientes permanecem.**

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise – Université Paris 7 – Diderot Pós-doutor - Université Paris 7 – Diderot. Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF) – Paris, França. Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Membro ativo do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP-BH). Professor das especializações do Instituto ESPE e coordenador de programas de formação livre. Membro do Corpo Docente do Contemporâneo: POA, RS. Coordenador de seminários na PERCURSO: Estudos e Formação em Psicanálise, Manaus. Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ). Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Professor e orientador de pesquisas do Mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG. Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental (CASM).

Referências

- BARANDE, R. Poderemos nós não ser “perversos”? Psicanalistas, ainda mais um esforço. In: M’UZAN, M. et al. *A sexualidade perversa*. Lisboa: Vega, 1980.
- CECCARELLI, P. R. A perversão do outro lado do divã. In: PORTUGAL, A. M. et al. (org.) *Destinos da Sexualidade*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004. p. 243-257.
- _____. A perversão e suas versões. *Reverso*, Belo Horizonte, 27, n. 52 p. 43-50, set. 2005.
- _____. A psicanálise e as duas dimensões da realidade. *Modernos e contemporâneos*. Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025b.
- _____. As possíveis leituras da perversão. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, n. 36, p. 135-148, dez. 2011.
- _____. Da perversão nossa de cada dia, às grandes perversões sexuais. *Polêm!ca*, v. 15, n. 2, p. 29-40, jul./ago./set. 2015.
- _____. *Reflexões sobre a pedofilia*. 2026 (no prelo).
- _____. Sexualidades e mudanças discursivas. In: ROMANO, C; OLIVEIRA, C. CECCARELLI, P. (orgs.). *Psicanálise e Sexualidades: Quem fala de sexualidade hoje?* São Paulo: Zagodoni, 2025^a, p. 17-28.
- CONÇALVES, R.; CECCARELLI, P.R. A erotização do ódio: contribuições de Stoller para a clínica das perversões. *Polêm!ca*, v. 20, n. 2, p. 077-093, maio/ago. 2020.
Disponível em: <https://revistalacuna.com/2017/04/28/n3-01/>
- FERRAZ, F. C. *Normopatía*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

_____. *Tempo e ato na perversão*. São Paulo: Blucher, 2023.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREUD, A. *Fantasia de surra e devaneios* (1923). (Freud e seus interlocutores). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). In: _____. *Obras completas*. v. 4-5. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *Bate-se numa criança* (1919). (Freud e seus interlocutores). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. *Correspondência de Amor e outras cartas* (1915). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____. *Fetichismo* (1927). In: _____. *Obras completas*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v 9.

_____. *Observações sobre o amor transferencial* (1915/1914). In: _____. *Obras completas*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: LSPM, 2016.

_____. *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915b). In: _____. *Obras completas*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Romances familiares (1908/09). In: _____. *Obras completas*. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Totem e tabu (1913). In: _____. *Obras completas*. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Obras completas*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FROTA NETO, E. H. *Pela travessia da perversão: leitura crítica de suas configurações psicanalíticas*. Tese de Mestrado, PUC-RIO, 2004.

GREEN, A. *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

JONES, E. *The life and work of Sigmund Freud*. Edited Lionel Trilling and Steven Marcus. 1961.

KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos (1940). In: _____. *Obras Completas de Melanie Klein: Volume I Amor culpa e reparação e outros trabalhos* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KRAFFT-EBING, R. V. *Psychopathia Sexualis: as histórias de caso* (1886). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LACAN, J. *O mito individual do neurótico* (1953). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LANTERI-LAURA, G. *Leitura das Perversões* (1979). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

MASSON, J. *A correspondência completa Freud-Fliess* (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

McDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

_____. *Em defesa de uma certa anormalidade*. Artes Médicas: Porto Alegre, 1983

_____. Scène primitive et scénario pervers. In: _____. *La sexualité perverse*. Paris : Payot, 1972

POMMIER, G. *O amor ao avesso: ensaio sobre a transferência em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

RACAMIER, P-C. *Les perversions narcissiques*. Paris: Payot, 2012.

RANKE-HEINEMANN, U. *Eunucos para o reino de Deus: Igreja católica e sexualidade – de Jesus a Bento XVI*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2019.

REIS SANTOS, A.; CECCARELLI, P. R. A produção discursiva no campo perversão. *Polêm!ca*, v. 9, n. 2, p. 34 – 44, abril/junho 2010.

_____. Perversão sexual, ética e clínica psicanalítica. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 316-328, junho 2009.

ROUDINESCO, E. *La part obscure de nous-mêmes : Une histoire des pervers*. Paris: Albin Michel, 2007.

SHAKESPEARE, W. *A trágica história de Hamlet, o príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Novo Século: 2026.

STOLLER, R. J. *Perversão: a forma erótica do ódio* (1975). 2. ed. São Paulo: Hedra, 2018.

_____. La perversion et le désir de faire mal. *Nouvelle Revue de Psychanalyse: La chose sexuelle*, n. 29. Paris: Gallimard, 1984.

___. *Observing erotic imagination*. London: Yale University Press, 1985.

TORT, M. Quelques conséquences de la différence « psychanalytique » des sexes. *Les Temps Modernes*, v. 55, n. 606, année, juin/juillet/août, 2000, p. 176-216.

VALAS, P. *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

VAN HAUTE. Lacan encontra Freud? Reflexões psicanalíticas sobre o estatuto das perversões na metapsicologia lacaniana. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 3, p. 1, 2017. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2017/04/28/n3-01/>.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1951). In: ___. *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.